

# A Ásia em desenvolvimento

**O** "MILAGRE" do Leste asiático pode estar chegando ao Sul da Ásia. Embora permaneçam os principais desafios, a Ásia em desenvolvimento está pronta para se tornar um grande catalisador do crescimento econômico global na próxima década.

A Ásia em desenvolvimento pode surgir como a nova locomotiva do crescimento econômico mundial nos próximos cinco a

10 anos, à medida que o motor tradicional — o crescimento dos países do G-7 — for se desacelerando. A parcela do Sul e Leste asiáticos na produção global está aumentando constantemente; estima-se que essa região seja a de crescimento mais rápido do planeta até o final da década. Segundo projeções atuais, a Ásia em desenvolvimento será responsável por quase a metade do aumento da produção mundial até o ano 2000 (ver gráfico 1).

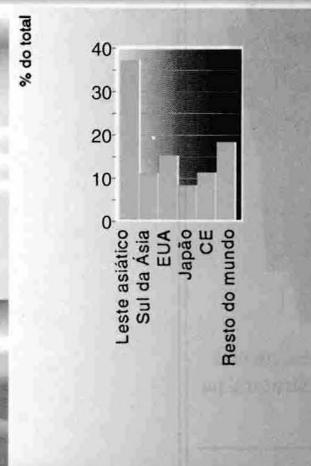
A Ásia em desenvolvimento é uma região diversificada em termos de cultura, desempenho do crescimento, registro da gestão econômica e sistemas jurídicos e regulatórios. Mas o conjunto da região mostra uma tendência importante: todos os países principais passaram a se apoiar muito mais no mercado. Alguns, como os do Leste asiático, fizeram isto cedo; outros, como China, Índia e Indonésia, estão sofrendo agora grandes transformações econômicas. Permanecem muitas incertezas, particularmente acerca de transições políticas. Trabalhando com a

comunidade internacional, os países da região podem aprofundar e ampliar o processo de reforma e mobilizar recursos — em particular investimentos externos privados — para ajudar sua reestruturação. A Ásia em desenvolvimento poderia se tornar um importante centro de crescimento da economia mundial.

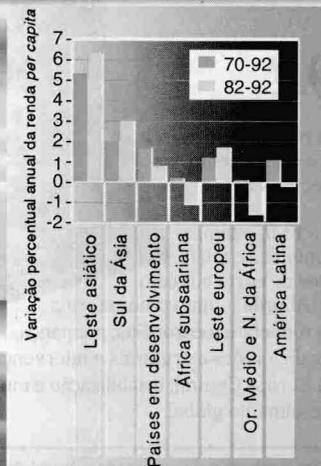
## A arrancada da Ásia em desenvolvimento

No último quartel do século, a renda *per capita* do Leste asiático quase quadruplicou (uma taxa anual de 5%), e isso foi acompanhado de uma acentuada redução da pobreza. O crescimento do Leste asiático foi impressionante nos anos 70 e acelerou ainda mais nos anos 80 (ver gráfico 2). Seu sólido desempenho econômico baseou-se em uma forte orientação para fora, ênfase no desenvolvimento dos recursos humanos e um contexto institucional altamente eficaz. As exportações aumentaram em torno de 10% ao ano nas décadas de 70 e 80, e as

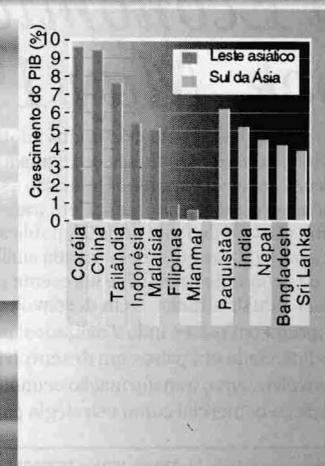
**Gráfico 1**  
Incremento constante da produção global (1992-2000)



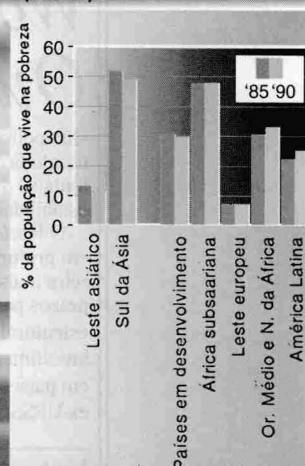
**Gráfico 2**  
Boas perspectivas de crescimento no Sul da Ásia (1970-92 e 1982-92)



**Gráfico 3**  
Amplio espectro de crescimento nos anos 80... mais amplo no Leste do que no Sul da Ásia



**Gráfico 4**  
Redução da pobreza menos expressiva no Sul da Ásia (1985-90)



Fonte: Banco Mundial

# surge um novo pólo de crescimento

ERNEST STERN

exportações dos EUA, Japão e União Européia — ex-Comunidade Européia — para essa região se expandiram 35% entre 1988 e 1991. Um fato de igual importância é que o comércio intra-regional cresceu o dobro dessa taxa — 72%. Mais recentemente, o fantástico desempenho econômico da China estabeleceu novos recordes. Foi esta dinâmica interna — sustentada pelo crescimento muito rápido da China — que tornou o Leste asiático tão resiliente à desaceleração global.

Um fato pouco divulgado é que o crescimento foi relativamente dinâmico também no Sul da Ásia. O crescimento do Sul da Ásia, embora fraco em comparação com o do Leste asiático, ficou bem acima do restante do mundo em desenvolvimento; a renda *per capita* cresceu a uma taxa anual de 3% nos anos 80 — o triplo da taxa nas duas décadas anteriores. Da mesma forma, o crescimento do consumo privado e do investimento interno nos anos 80 superou o de outras regiões em desenvolvimento, à exceção do Leste asiático. Apesar de ser uma região tradicionalmente voltada para dentro, o Sul da

Ásia também começou a explorar mercados externos. As exportações aumentaram 7% ao ano na década de 80 — o dobro da taxa dos anos 70 —, permitindo que duplicasse sua participação na produção interna.

## A Ásia em desenvolvimento é diversificada

Há diferenças importantes dentro do Leste e Sul asiáticos e entre ambos. As duas regiões, por exemplo, apresentam taxas de crescimento muito diferentes entre seus respectivos países — mais no Leste do que no Sul da Ásia (ver gráfico 3). No Leste asiático, o combate à pobreza foi muito eficaz — o que demonstra novamente que crescimento rápido e alívio da pobreza não são contraditórios — na verdade, reforçam-se mutuamente (ver gráfico 4). No Sul da Ásia, o avanço no sentido de reduzir a pobreza foi muito menos impactante. Em 1990, cerca da metade da população da região ainda estava abaixo da linha de pobreza.

Ambas as áreas diferem também em sua capacidade de absorver o investimento direto externo (IDE) (ver gráfico 5). No Leste asiático, o investimento direto externo tem sido atraído pela expansão dos mercados internos; por sua vez, essa dinâmica contribuiu para o rápido crescimento das exportações. Nos anos 80, a parcela do Leste asiático no IDE total dos países em desenvolvimento dobrou — chegou a 33%. Quanto ao Sul da Ásia, em razão de seu meio menos acolhedor, sua parcela do IDE permanece muito pequena, menos de 2% nos anos 80.

O progresso do comércio intra-regional tem sido um estímulo importante ao crescimento, particularmente nas economias leste-asiáticas. Mais impressionante ainda é o nexu emergente de comércio externo e investimento com exportações e investimento direto externo, formando um círculo virtuoso. Na China, por exemplo, as províncias sulinas de Guandong e Fujian estão se tornando grandes centros de IDE e exportações. Em 1992, a China recebeu quase 20%

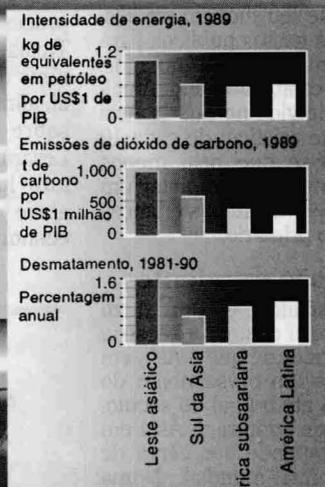
Gráfico 5

O Leste asiático lidera no investimento externo direto aos países em desenvolvimento (1970-79 e 1980-90)



Gráfico 6

O Leste asiático precisa melhorar seu desempenho ecológico



de todo o IDE líquido do mundo em desenvolvimento.

## O modelo do Leste asiático se dissemina

As razões para o sucesso extraordinário do Leste asiático são suas políticas, que se concentraram em: alto nível de poupança, qualidade da força de trabalho, apoio aos esforços empresariais em um meio competitivo, ênfase nas exportações, disposição para importar conhecimento e tecnologia, e — talvez acima de tudo — flexibilidade em se ajustar às condições globais, ao mesmo tempo mantendo uma relativa estabilidade macroeconômica. Foram essas as principais conclusões de um relatório recente do Banco Mundial, *The East Asian Miracle*. (Ver artigos de *Finanças & Desenvolvimento*, mar. 1994.)

Há sinais encorajadores de que o modelo de gestão econômica adotado pelo Leste asiático está-se disseminando dos primeiros países a crescer rapidamente para Indonésia, Malásia, Tailândia, Vietnã, e até mesmo para a China. Embora tenha arrancado mais tarde, o Sul da Ásia também está começando a reformar suas políticas de comércio e investimento. Bangladesh, Índia, Paquistão e Sri Lanka iniciaram reformas que estão desmantelando as restrições ao investimento privado, interno e externo, eliminando as restrições comerciais quantitativas, e reduzindo o nível e a dispersão das tarifas. A reação a essas medidas tem sido bastante encorajadora; nos anos 90, o IDE no Paquistão e no Sri Lanka dobrou em termos de dólar e na Índia subiu 20%, em comparação com a segunda metade dos anos 80.

A Índia iniciou, nos últimos dois anos, um programa amplo de reformas, assim como Paquistão e Sri Lanka. O ímpeto imprimido pela Índia sugere que suas reformas no comércio exterior e no investimento provavelmente serão contagiosas, à medida que os países vizinhos acelerarem a reforma para se manterem no mesmo passo. Paquistão e Sri Lanka, por exemplo, mostraram progressos ao melhorarem o esquema de incentivos, sobretudo através da desregulamentação em áreas como licenças industriais, redução de restrições ao investimento direto externo e revogação de barreiras à entrada em muitos setores. Sem dúvida, esse melhor clima para reformas se deve em parte às experiências positivas dos países do Leste asiático e às experiências negativas dos Estados da ex-URSS e do Leste europeu. Seja qual for a origem, existe hoje certo consenso sobre algumas diretrizes amplas de mudança.

Mas não há dúvida de que tais programas ainda estão muito aquém daqueles apresentados pelos países do Leste asiático — sobretudo em relação à atenção dada aos temas saúde e educação, infra-estrutura física (transportes e telecomunicações) e sistema financeiro. Os respectivos papéis dos setores público e privado ainda não foram plenamente redefinidos, e não há um consenso político que apoie a reforma em curso. Há muito que fazer para melhorar a concorrência, diminuir os custos de transação dos negócios e desenvolver o capital físico e humano necessário à expansão do setor privado.

## Uma agenda de reformas em aberto

A heterogeneidade da Ásia em desenvolvimento implica diferentes agendas de reformas para o Leste e Sul asiáticos. O Leste asiático terá de tratar suas deficiências de infra-estrutura; dar prioridade à reforma da empresa pública e ao fomento do setor privado e da concorrência; e adotar uma agenda ampla e flexível de reformas no setor financeiro. Terá também de melhorar seu fraco desempenho ambiental (ver Revertendo as tendências da poluição na Ásia, neste número). Dentre as regiões em desenvolvimento, o Leste asiático tem a taxa mais alta de desmatamento, a taxa mais alta de uso de energia por unidade do PIB e a taxa mais alta de emissão de dióxido de carbono por unidade do PIB (ver gráfico 6). Enfrenta graves problemas de saneamento nas zonas urbanas e de degradação do solo nas zonas rurais.

No Sul da Ásia, a agenda se baseia na necessidade de atingir um crescimento sustentável e mitigar a pobreza. Para tanto, será preciso reformar o setor público, incluindo-se aí reforma tributária e reestruturação de gastos, além de um melhor desempenho das empresas públicas mediante maior concorrência, privatização, distribuição mais ampla do capital social e remoção das barreiras à entrada no mercado, que ainda impedem a participação do setor privado. A reforma tributária está ainda em sua fase inicial, exceto em Bangladesh, que adotou com êxito um imposto sobre valor adicionado. A reforma financeira permanece um objetivo indefinido; entretanto, algumas iniciativas importantes foram tomadas no Paquistão, e este tema recebeu prioridade na agenda de políticas da Índia. Pouco progresso tem sido feito nas reformas agrária e dos mercados de trabalho.

É particularmente importante desenvolver a base de recursos humanos do Sul da Ásia, na busca de uma estratégia voltada para fora e em prol de melhorias aos pobres. A capacidade do Sul da Ásia para adotar tal estratégia dependerá de seu sucesso em desviar as prioridades dos gastos públicos para os setores sociais, a fim de garantir uma formação mais rápida de capital humano. Atualmente, a expectativa de vida no Sul da Ásia fica abaixo da do Leste asiático; de cada 10 recém-nascidos, prevê-se que pelo menos um venha a morrer antes de completar um ano. Além disso, quase metade das crianças da região não conclui o primário.

## As perspectivas são excelentes

Com reformas sólidas e um fluxo externo de recursos para custear a reestruturação, há fortes chances de que a Ásia em desenvolvimento atinja um crescimento do PIB da ordem de 6,5% até o final do século. Em termos de poder de compra, a Ásia em desenvolvimento já responde por cerca de um quarto da economia mundial. Numa visão prospectiva dos próximos cinco a 10 anos, a Ásia em desenvolvimento promete ainda um rápido crescimento, mercados em expansão e excelentes oportunidades de exportação. Em conjunto, a região provavelmente continuará marcada por uma gestão macroeconômica estável, um ambiente cada

vez melhor para o investimento privado e o prosseguimento de seu registro quase impecável de serviço tempestivo da dívida.

O desempenho do Leste asiático se deve em grande parte à sua estratégia de exportação. Isso, por sua vez, foi possível não só por causa das políticas dos próprios países do Leste asiático, mas também porque os EUA e a União Européia proporcionaram acesso ao mercado. Os países do Leste asiático têm liberalizado os seus regimes comerciais, mas há necessidade de esforços suplementares. As restrições ao comércio exterior — tarifárias e não-tarifárias — continuam mais altas do que as dos parceiros comerciais industrializados, o que contribui para conflitos comerciais.

As perspectivas de crescimento do Sul da Ásia dependem em grande parte do que acontece na Índia. Os esforços de reforma na Índia, aliados a reformas semelhantes nos sistemas de investimento, comércio exterior e pagamentos iniciadas em Bangladesh, Paquistão e Sri Lanka, auguram um bom futuro para o crescimento a médio prazo do Sul da Ásia. Sob a condição de uma complementação bem-sucedida das atuais reformas, espera-se que o aumento das exportações prossiga, fazendo com que o crescimento na segunda metade dos anos 90 passe da modesta taxa atual de 3-4% para cerca de 5-6%.

Permanecem algumas incertezas. Diversos países importantes da Ásia em desenvolvimento enfrentam transições de liderança. O processo político está se ampliando nesses países, e as gerações estão mudando nas lideranças políticas e econômicas. Ninguém pode ter certeza de como evoluirão esses processos ou de quais serão suas consequências econômicas. E em alguns dos maiores países da área — China, Índia e Paquistão — há grandes contingentes de população muito pobres nos primeiros estágios de um processo de desenvolvimento acelerado. Taxas rápidas de crescimento não são sinônimo de instituições fortes em nível local, e é aí, afinal, que se tomam muitas das decisões sobre investimentos e implementação. Levará algum tempo para que a infra-estrutura institucional — pública e privada — apoie efetivamente a modernização dessas economias. ■



**Ernest Stern,** dos EUA, é diretor administrativo do Grupo do Banco Mundial e foi vice-presidente, Região do Sul da Ásia. É PhD em economia internacional pela Fletcher School of Law and Diplomacy.